

A ESSENCIALIDADE DO SENTIDO DA VIDA PARA A EXISTÊNCIA HUMANA NA CONCEPÇÃO DE VIKTOR FRANKL

Carolina Rodrigues dos Santos¹

Nayara Ribeiro de Lima Daniel¹

Luciana de Queiroz Ferreira²

RESUMO

Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica que apresenta a centralidade da necessidade humana em encontrar sentido particular para a sua existência. Aborda esta questão a partir das ideias apresentadas por Viktor Frankl na Logoterapia, discutindo sobre a liberdade inerentemente humana de poder atribuir sentidos mesmo diante da facticidade da existência, incluindo as diversas possíveis adversidades encontradas no existir tais como, o sofrimento, as restrições espaciais, temporais e corporais e, até mesmo, diante da limitação imposta pela mortalidade e, por fim, a terminalidade da vida. São apresentadas, também, brevemente a abordagem fenomenológico-existencial e daseinsanalítica, à medida que, de maneira semelhante, apresentam a primazia em atribuir sentido à existência.

Palavras-chaves: Sentido; Vida; Liberdade; Logoterapia; Restrição

ABSTRACT

This article consists of a literature review that presents the centrality of the human need to find a particular meaning to existence. It approaches this question based on the ideas presented by Viktor Frankl in Logotherapy, discussing the inherently human freedom to be able to give meaning even in the face of the facticity of existence, including the various possible adversities encountered in existence, such as suffering, spatial,

¹ Discentes do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Vale do Ribeira - UNIVR REGISTRO-SP

² Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Vale do Ribeira - UNIVR REGISTRO-SP

temporal and bodily restrictions, and even in the face of the limitation imposed by mortality and, finally, the termination of life. The phenomenological-existential and daseinsanalytic approaches are also briefly presented, as they, in a similar manner, present the primacy in attributing meaning to existence.

Keywords: Sense; Life; Freedom; Logotherapy; Restriction

INTRODUÇÃO

Para a psicologia humanista, a autorrealização é o propósito altaneiro da existência humana, todavia, para a logoterapia o ser humano carece de âmago para a felicidade e o regozijo, o ser possui habilidade para se realizar a partir de perfazer o sentido. O ensejo para a felicidade não deve ocorrer de forma direta visto que o êxito desta

é alcançado através do cumprimento de um sentido. A partir da realização do sentido da existência o sujeito, outrossim, realiza a si mesmo. Frankl destaca que não há possibilidade para autorrealização sem o encontro do sentido, sendo necessário cumpri-lo, e conseqüentemente encontrar um motivo para ser feliz (AQUINO, 2020).

Viktor Emil Frankl experienciou durante alguns anos de sua vida o convívio em quatro campos de concentração nazistas, no qual esteve em situação de extrema restrição exterior. Contudo, diante de todas as privações constatou que a sua liberdade interior não poderia ser contida. A liberdade interior permite que o indivíduo encontre um sentido para a existência, mesmo diante de ambientes de restrição, pois proporciona o atributo de deliberar interiormente. O ser humano é insubstituível na construção do sentido, pois depende unicamente dele realizá-lo, anulando qualquer ameaça exterior de intervenção.

É o poder ser de cada um de nós, entes humanos que nos realizamos a partir da indeterminação profunda de nosso ser, projetando-nos em um universo de múltiplas possibilidades, diante das quais fazemos as escolhas que efetivam a nossa existência (ABDALA, 2017, p. 58).

Desta forma, definimos como objetivo deste artigo compreender a indispensabilidade do sentido da vida para o ser humano, evidenciando a teoria de Viktor Frankl. Quanto à metodologia utilizada, este artigo foi elaborado a partir de revisão bibliográfica de caráter

narrativo, empregando a literatura científica.

A vivência de Viktor Emil Frankl e a Logoterapia

Viktor Emil Frankl, conhecido como o pai da Logoterapia, nasceu em 26 de Março de 1905, em Viena, capital da Áustria. Era religioso praticante do judaísmo, herdado por sua mãe e pai, nascidos respectivamente em Praga, na Tchécua, e em uma aldeia de Pohrlitz, Morávia, ambos na Europa. Teve dois irmãos, e desde os três anos, ansiava por tornar-se médico (AQUINO, 2020).

Médico neurologista, psiquiatra e doutor em filosofia, foi diretor da Policlínica Neurológica de Viena onde conheceu Elleonore Katharia, enfermeira que mais tarde se tornaria sua esposa. Foi docente por longos anos ministrando aulas de Neurologia e Psiquiatria na Universidade de Viena, e professor- convidado na Universidade de Stanford, Harvard, Dallas e Pittsburgh. Na Califórnia, lecionou sobre a Logoterapia na Universidade Internacional de San Diego, durante quarenta anos foi conferencista por todo mundo. Devido à sua grande contribuição e dedicação aos ensinamentos, recebeu 29 títulos de destaques referenciados como doutorados honoris causa, de Universidades na África, Ásia, América do Norte e do Sul e na Europa. Redigiu 30 livros, os quais já foram traduzidos em mais de 50 línguas (VESELEY, 2019).

Apreciava o alpinismo que para ele era um alumbramento que o permitia relacionar com a logoterapia, visto que as mais altas montanhas podem medir a profundidade de uma existência (AQUINO, 2020).

Seu primeiro encontro com a consciência da finitude da vida, foi aos quatro anos de idade. Ainda na infância sobrevieram as primeiras indagações concernentes ao sentido da existência e, conseqüentemente, ao da morte. Estas, foram respondidas apenas longos anos após, através do desenvolvimento de seus estudos (AQUINO, 2020).

Quando adolescente, seus objetivos estavam voltados aos pensadores naturalistas Wilhelm Ostwald e Gustav Teodor Fechner, havendo interesse de igual modo em psicologia experimental e psicologia aplicada. Porém, sua percepção e mudanças de interesses de estudo deram início ao conhecer Freud através do artigo “Além do princípio do prazer”, quando começou a partir de então a se comunicar e a receber alento do autor, através de cartas, nutrindo grande apreço por Freud durante toda a sua vida (AQUINO, 2020).

Frankl, aos 16 anos, foi organizador de uma conferência sobre o sentido da vida,

elaborando seus primeiros conceitos de sua teoria. Nascia a partir de então o que mais tarde seria conhecida como Logoterapia (AQUINO, 2020).

Em 1924, Frankl se deixou envolver pelos encantos do psicologismo, e a “agir pelo espírito da época, o mecanismo e o associacionismo” (AQUINO, 2020, p.17), que determinava que as leis do conhecimento correspondiam às leis de funcionamento do pensamento, abolindo uma relação com qualquer sentido e subjetividade do indivíduo.

Essas práticas e concepções foram abandonadas mais tarde por ele, voltando ao foco da elaboração de sua teoria.

Alfred Adler, criador da Psicologia Individual, que dava “ênfase na singularidade da personalidade”, no período de 1924 a 1927, foi uma importante figura para Frankl durante um período de sua formação em medicina. Adler foi considerado o primeiro homem na época a divergir dos pensamentos de Freud. Outra teoria desenvolvida por Adler foi o conceito de vontade de poder, que enfatizava a vontade de potência no existir humano. Enquanto a psiquiatria ganhava uma nova concepção de homem, para Frankl, esta ainda permanecia distante do que idealizava sobre a centralidade do sentido da existência para o ser humano (AQUINO, 2020).

Seu projeto de reumanização auferiu influência de autores como Martin Heidegger, Kal Jaspers, Martin Buber e Ludwing Binswanger. Porém, Rudolf Allers, com o qual trabalhou no Laboratório Experimental de Fisiologia dos Sentidos, e Oswald Schwarz, fundador da medicina psicossomática e da antropologia médica, docentes de Frankl, foram primordiais para este projeto pois executaram influência de modo venerável (AQUINO, 2020).

Após o desligamento voluntário de seus professores do ciclo adleriano, Frankl foi expulso por se posicionar com a mesma ideologia destes, o que o levava cada vez mais a se aproximar de uma nova concepção psicoterápica. Após o rompimento, ainda em sua formação médica, voltou os seus anseios a fim de abrandar os altos índices de rompimento com a vida apresentados neste período histórico na Europa central, instituindo postos de aconselhamento para juventude (AQUINO, 2020).

Seus mentores Freud e Adler serviram como uma mola propulsora que possibilitaram a Frankl olhar o ser humano para além da vontade de prazer e da vontade de poder, impulsionando-o, em profundidade àquilo que para o mesmo constitui “o núcleo dos fenômenos especificamente humanos”, a vontade de sentido:

“O centro gravitacional da existência - de onde se originam os valores, os atos intencionais e volitivos, a capacidade de autotranscendência e autodistanciamento, e a busca por um sentido na vida, ou seja, os fenômenos que diferenciam os seres humanos dos animais. Essa dimensão, Frankl a denominou como noética, pois se contrapõe à facticidade das dimensões psíquica e somática” (AQUINO, 2020, p. 77).

Em 1932, Frankl concluiu sua formação em neurologia em Viena, e exerceu sua função de neurologista e psiquiatra durante quatro anos no hospital psiquiátrico Am Steinhof, atendendo mais de doze mil pacientes com depressão. Desenvolveu intensa habilidade e capacidade diagnóstica e os pacientes que apresentavam um sentido para viver recebiam alta de acordo com suas análises (AQUINO, 2020).

Frankl, em 1937, havia decidido então por atender seus pacientes em sua própria clínica, o “que permeou por apenas alguns meses devido à perseguição contra os judeus, sendo impedido de exercer seu ofício em sua clínica” (AQUINO, 2020, p.22).

Neste período, Frankl foi compelido a descaracterizar laudos a fim de salvar vidas, pois a polícia secreta da Alemanha nazista, Gestapo, realizava eutanásia em indivíduos com algum transtorno mental a fim de exterminar e eliminar qualquer tipo de descendência destes (AQUINO, 2020).

Frankl publicou o artigo “A problemática espiritual da psicoterapia” em 1938 onde utilizou pela primeira vez o termo logoterapia, transmitindo os princípios teóricos de sua analítica existencial. No mesmo momento em que aguardava a sua deportação, redigiu o livro Psicologia Médica. Em 1941 casou-se com Tilly Grosser, que também poderia ter sido deportada com ele, pois ambos estavam munidos de visto para os Estados Unidos. Porém, devido à idade avançada de seus pais, e a impossibilidade destes os acompanharem, por não possuírem o mesmo documento, precisou tomar uma grande decisão: a de ficar com seus pais e enfrentar o nazismo. Tilly, faleceu na Alemanha, no campo de concentração de Theresienstadt, e seu pai foi amparado por Frankl, no mesmo local, porém, veio a falecer, assim como seu irmão Walter, e sua mãe, em Auschwitz, enquanto sua irmã conseguiu refúgio na Austrália (AQUINO, 2020).

Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering e Türkheim foram os campos de concentração que Viktor Frankl conheceu, sofreu e defrontou-se com sua existência despida durante cerca de quatro anos de sua vida. Em Auschwitz, exerceu sua profissão

devido à propagação da doença tifo exantemática, transmitida por piolhos humanos. Essa patologia o levou a idealizar para a situação vivenciada um significado à morte já que a vida naquela situação para muitos estava dispensada de sentido para se viver. Para Frankl, se eles sobrevivesse àquela guerra sem encontrar um sentido para seu sofrimento, não valeria a pena ter sobrevivido (AQUINO, 2020).

A falta do encontro da razão pela qual continuar vivendo, enfrentando momentos de aflições e extrema angústia, conduziu muitos prisioneiros à desistência e à aceitação da mortalidade para aquele momento. Outros, segundo Aquino (2020), ao se confrontarem com o significado de suas próprias vidas, reencontraram a si mesmos e encontraram de igual modo o sentido pelo qual valeria a pena enfrentar a situação de privação que estavam passando com esperança.

Cerca de cinquenta mil austríacos judeus morreram nos campos de concentração. No dia 27 de Abril de 1945 Frankl recebeu a melhor notícia dos últimos anos vividos, estava livre do holocausto e retomou à sua cidade de origem em 15 de Agosto de 1945, onde passou a reconstruir sua história (AQUINO, 2020).

Através de sua história de vida e do desenvolvimento de sua teoria, Frankl levou seu conhecimento a diversos países, como já relatado. A logoterapia foi o seu legado e esta teoria também nomeada com “análise existencial de Frankl” tem como pressuposto que o ser humano é o único ser vivente capaz de escrutinar sentido e valores com autenticidade do fenômeno consentâneo ao anseio da configuração de uma vida com significado (AQUINO, 2020). Porém, o autor também relata que existem oposições a respeito de que realmente haja um sentido incondicional à vida. A existência da morte seria o primeiro contraponto à sua teoria, visto que o sentido se esvai para o indivíduo diante da consciência de sua mortalidade. Para o logoterapeuta, estar diante da morte é reconhecer a responsabilidade para executar as diversas requisições que a vida lhe proporciona justamente por não haver um “tempo indefinido” para se viver. Por conseguinte, a segunda oposição é a de que as atitudes do ser humano, a falta de perfeição e as vulnerabilidades às limitações da vida, resultam na perda de sentido. Mais uma vez, Frankl revela que a singularidade do ser humano, bem como suas limitações e máculas é o que o torna único, sendo apenas ele o responsável por cumprir sua missão

(MACHADO, 2015).

A logoterapia, ou Análise Existencial, criada por Frankl é uma terapia que tem como foco principal a busca de sentido da existência do sujeito, sendo este sentido, a motivação maior para o indivíduo. Vale ressaltar as diferenças entre a Análise Existencial de Frankl e a Análise da Existência de Heidegger, ambas, submetem-se à compreensão da existência humana, porém, a segunda além de não constituir-se em uma terapia, está direcionada à simplesmente esclarecer o ser, enquanto a Análise Existencial é voltada à elucidação de um sentido (MACHADO, 2015).

Na relação entre o terapeuta e paciente, o logoterapeuta presta o acolhimento de modo a preservar a dignidade humana de maneira respeitosa e valorativa, a identificação dos fenômenos trazidos pelo paciente que elucidam através dos atendimentos, resultando na compreensão da essência do ser. A logoterapia parte do pressuposto do noético, que é o oposto às “facticidades das dimensões psíquica e somática”, evidentemente, o logoterapeuta está incumbido de desbloquear a dimensão noética em seu paciente. É através do profissional que o indivíduo encontra força, pois o logoterapeuta deixa de ser passivo para ser ativo em todo o atendimento. Essa relação é fundamental para que o paciente alcance as profundezas do processo terapêutico, consequentemente encontrando as alturas do espírito humano (AQUINO, 2020).

A vontade de sentido

Para Frankl (2021), invalidando uma racionalização de impulsos por instintos, um indivíduo desde os primórdios de seus dias busca por sentido de modo substancial. O autor considera que ainda quando criança o ser humano já apresenta o desejo de sentido, que o move em busca do que almeja de modo consciente, ao invés de ser apenas movido por impulsos, sem ser levada em conta a vontade do indivíduo. O sentido da vida é escrutinado como uma direção fundamental pelo homem, não tendo relevância os instintos, e sim a essência pela qual o mesmo tem porquê viver. Assim sendo, a busca pelo sentido em suas vivências é o que move o indivíduo como uma motivação primária, abstendo-se de uma racionalização secundária.

Segundo Frankl, (2021) para a realização do sentido, tão somente o sujeito possui exclusividade e especificidade para tal visto que é autêntico em sua singularidade, sendo este o único capaz de criar e definir uma direção. O sentido acede uma importância

significativa a fim de regozijar sua própria vontade de sentido. É através da realização do sentido que a vontade de sentido de igual modo é executada.

Quando o ser humano possui a consciência de seus ideais e valores, é capaz de vivenciar e suportar situações que lhe causem até mesmo risco de morte. O potencial alcançado no encontro com o sentido, como uma força interior suprema, permite transcender até mesmo um abominoso cenário em vivência, a fim de alcançar o objetivo pelo qual o faz permanecer otimista sobre sua realidade. Possuir conhecimento de que há um sentido para a vida contribui de modo substancial para a sobrevivência do ser humano, mesmo em situações catastróficas (FRANKL, 2021).

De modo comum, quando se há uma busca por sentido, o indivíduo pode se deparar com circunstâncias de desequilíbrio interior que lhe causam tensão. Para Frankl (2021), a saúde mental está baseada em certo grau de tensão: tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que ainda se deveria alcançar.

A tensão gerada está diretamente ligada ao bem estar mental, sendo essencial e inerente ao indivíduo. Através desta, segundo Frankl (2021), há um despertar do estado latente à sua vontade de sentido. Conforme o autor, quando há porque lutar e um objetivo a ser alcançado, isso de modo livre, o estado de tensão encontra um significado.

Sentido da vida

Durante o seu tempo no campo de concentração Frankl esteve à procura de um sentido para a situação que estava vivenciando, para todo aquele sofrimento em que era exposto: “a pergunta que atormentava a mim era: Será que tem sentido todo esse sofrimento, toda essa morte ao nosso redor? Caso contrário, não faz sentido sobreviver” (FRANKL, 2021, p. 139).

O encontro com o sentido se dá de uma forma extraordinária a tal ponto que não é possível racionalizá-la a partir de uma perspectiva. Frankl (2021) ressalta que o sentido da vida não se limita, é irrestrito e se mostra como incondicional e absoluto. Não é condicionado e não depende de nenhuma condição do meio ou de um indivíduo, pelo contrário, é necessário apenas que o sujeito o realize e se realize.

Frankl define como núcleo do ser humano o encontro com o próprio si mesmo e através de sua experiência no campo de concentração obteve a percepção de que o encontro

do sentido também resultava numa “capacidade interior para resguardar seu si mesmo” (FRANKL, 2021, p. 10).

O sentido pode ser encontrado nas situações mais adversas possíveis, de fatalidade, consciência da mortalidade e de sofrimento. O sujeito que encontrar esse sentido, encontrará também uma forma diferenciada de olhar a morte transformando o sofrimento em realização (AQUINO, 2020).

Quando o ser humano encontra o sentido da vida consegue também realizar a si mesmo (FRANKL, 1991), tal realização provém do sentido realizado. De igual modo, a partir de então, passa a compreender o poder que possui sobre si mesmo e que é protagonista da sua vida, sendo restringido a elempensamentos de limitações, pois já não mais podem o apresar.

O sentido dá-se a partir da liberdade espiritual, é o ser humano que dispõe da sua liberdade interior, cuja autonomia depende apenas do mesmo, devendo deliberar sobre as suas possibilidades frente às condições que lhe são dadas, independente de como se apresentam. É possível deliberar interiormente mesmo nas mais difíceis situações das quais o ser humano está externamente submetido a situações de controle. O sentido difere de indivíduo para indivíduo e de momento para momento, mas jamais deixa deser. Cada sujeito encontrará um sentido para determinada situação a partir de suas vivências, sentimentos, concepções e formas de enfrentamento. Bem como, se difere de uma circunstância para outra, o sentido que for encontrado hoje, pode não mais ser o de amanhã. O que se mostra relevante é o sentido da vida encontrado por um sujeito em um período específico e não um sentido de forma generalizada (FRANKL, 2021).

Conforme Frankl (2021), para a logoterapia existem três modos para se encontrar o sentido da vida: a partir do trabalho; provar de algo ou conhecer alguém; ou pelo modo de se comportar frente a uma situação de martírio. O primeiro, diz respeito a encontrar sentido a partir da realização de um trabalho ou de uma ação, esse modo é o mais direto. O segundo e o terceiro demandam maior dedicação por se mostrarem mais complexos.

Encontrar sentido na segunda perspectiva implica experimentar algo que, de acordo com Frankl (2021), poderia ser a benevolência, autenticidade, sinceridade, e

beleza, ou a cultura, ou a partir de outro ser humano. Esse experimentar leva o indivíduo ao encontro do sentido de sua vida, implica sempre vivenciar alguma experiência com algo, como por exemplo uma música, algum ato extraordinário, ou ainda por outra pessoa, no sentido de amar.

A terceira forma de encontrar sentido implica o sofrimento, situações penosas das quais não se pode evitar e que podem colocar o sujeito frente à consciência de sua mortalidade. Esse modo de encontro com o sentido da vida é o que foi elucidado por Frankl em sua experiência no campo de concentração como o prisioneiro nº 119.104. Nesse sentido, a consciência de que a morte se encontra em um momento vindouro não necessariamente irá causar aflição para todos os indivíduos de maneira generalizada (MAY, 1986). Pode ser que a partir desse momento surja um sentido.

A realização só é factível a partir do encontro com o sentido da vida (FRANKL, 2015). Sentir-se realizado é possível diante do encontro com o sentido da vida, encontro esse que pode se dar de diferentes formas, contextos e períodos.

Não é relevante que se questione sobre qual o sentido da vida, mas sim levar em consideração qual indagação está sendo colocada pela vida (FRANKL, 2021). Em outras palavras, considerar o que a vida espera de cada ser humano em especial, e o que se tem para oferecer a ela. A vida se apresenta como

um invite contínuo para que se dedique ao máximo às situações às quais forem expostas para o sujeito, afim de que, com excelência, realize aquilo que for melhor possível (POMPEIA; SAPIENZA, 2002).

Liberdade individual frente ao sentido da vida

Segundo May (1986) a aptidão para compreender a sua inexorável morte é uma característica própria do ser humano. O indivíduo tem consciência de sua mortalidade, a sua finitude é irrevogável, dissemelhante a outras espécies que não dispõem de tal aptidão de consciência de sua futura morte. De acordo com o autor, mesmo antes de se fazer presente, a morte é existência ausente.

A realidade na qual Frankl estava inserido o colocava frente a consciência de sua mortalidade diariamente.

“O organismo consumia sua própria proteína, a musculatura ia definhando. Agora o corpo também não apresentava mais resistência. Morria um atrás do outro na comunidade formada por nosso barracão. Cada qual podia calcular com bastante precisão quem seria o próximo e quando seria sua própria vez” (FRANKL, 2021, p. 46).

Diante do ambiente em restrição inserido, durante a Segunda Guerra Mundial no campo de concentração nazista, bem como a fragilidade de sua vida, o sofrimento decorrente era inevitável visto que até mesmo as condições alimentares eram de extrema limitação tornando-se insuficiente para manter uma estrutura física saudável. A cada dia a morte se aproximava com intensidade daquele que estava em alto teor desnutritivo. Conforme Oliveira (2016), sucintamente, incidentes que cominam a integridade do ser humano adjacente de aflição austera emanam em sofrimento.

Do mesmo modo que determinada quantidade de gás preenche o espaço vazio de maneira íntegra, o sofrimento independente de sua dimensão ocupa toda a alma humana, bem como o consciente humano (FRANKL, 2021). Frente à circunstância de consciência da mortalidade produzida pelos campos de concentração, o sofrimento arrebatava a psique do prisioneiro nº 119.104.

De igual natureza que o sujeito é único, distinto e possui a sua subjetividade, a vivência do sofrimento é equitativamente singular. O ser humano é singular ante o sofrimento, é insubstituível no seu destino desafortunado, cabe a ele vivenciar essa realidade de maneira única, assim sendo, é de respeito a cada um que se permita experienciar de seu próprio modo a sua dor (FRANKL, 2021).

Entretanto, conforme Frankl (2021) à medida que o indivíduo enfrenta esse sofrimento, encontra também uma possibilidade de realização incomparável e singular. Mesmo que o ser humano tenha a sua alma tomada pelo sofrimento imposto pela realidade, detém a possibilidade de suportá-lo, bem como de realizar-se a partir de tal situação. “Nas palavras de Nietzsche: quem tem porque viver aguenta quase todocomo” (FRANKL, 2021, p. 101).

O sujeito pode deliberar seus sentimentos mesmo diante da condição de um campo de concentração, mesmo frente a uma circunstância em que toda a sua realidade exterior é controlada, os sentimentos ainda pertencem ao ser humano, ainda é possível deliberar interiormente à medida que a liberdade da possibilidade de dar sentido à existência jamais pode ser extinguida por qualquer situação vivida (FRANKL, 2021).

Conforme era desvelado o sentido que o sofrimento expunha, os prisioneiros denotavam cunho de conquista e realização, o sofrimento tornava-se incumbência, deste modo, encontrar um sentido para tal resultava conjuntamente em satisfação e uma nova forma de enxergar a realidade seguida por um objetivo maior, um novo rumo. Os prisioneiros se opuseram a atenuar o sofrimento do campo de concentração no momento em que se explicitava o sentido para o sofrimento (FRANKL, 2021).

Se mostra significativa a maneira como o sujeito suporta o que lhe acomete, quando este acontecimento foge do seu controle (FRANKL, 2015). As situações das quais se possui certo governo tem impacto diverso das quais não se detém. No campo de concentração os prisioneiros não dispuseram do domínio da maioria dos acontecimentos acometidos durante o tempo em que permaneceram no local. Contudo, apesar das situações fáticas serem impostas, os sujeitos ainda detinham a liberdade interior. “No campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas” (FRANKL, 2021, p. 88). Mesmo diante de situações extremamente forçadas, poderiam a partir da sua liberdade interior deliberar. Existiam diversos ensejos para que o ser humano pudesse consolidar a sua deliberação interior, que fosse contrária ou favorável à submissão ao ambiente hostil, que ameaçava impedir a sua liberdade, seu atributo intrínseco (FRANKL, 2021).

Essa liberdade, devolve ao ser humano a autonomia sobre sua vida, abrangendo seus pensamentos, sonhos, sentimentos, emoções e tudo quanto for pertinente a si mesmo, sendo capaz de conceber um sentido para vida em meio à aflição, pois o poder para tal é exclusivamente dele. Conforme Frankl (2021) moldar a própria vida com o propósito de haver sentido é o que a liberdade espiritual proporciona ao indivíduo até a finitude de seus dias. É possível encontrar o sentido da existência mesmo em situações de extremo sofrimento, bem como nas quais o sujeito se encontra frente à morte, a partir da maneira que assume o seu destino. É de extrema importância a maneira que se utiliza a sua liberdade interior, seja para sucumbir ao sofrimento ou encontrar um sentido para a existência até mesmo em meio a esse sofrimento. “Dependendo da atitude que tomar, a pessoa realiza ou não os valores que lhe são oferecidos pela situação sofrida e pelo seu pesado destino. Ela então será “digna do tormento ou não” (FRANKL, 2021, p. 91).

A partir de suas observações no campo de concentração, apenas submete-se à influência

do meio o indivíduo que desistiu espiritualmente, conseqüentemente aquele que não detinha apoio interior. Mesmo diante de condições em que era colocado frente à morte, que dispusesse de um apoio interior, poderia encontrar sentido para a sua vida e tormentos. As realidades como a do campo de concentração, que pouco concede possibilidade para que o sujeito se realize criativamente, pode proporcionar um cenário para o encontro com o sentido (FRANKL, 2021).

O sofrimento obtém nova significação no momento em que lhe é dado sentido. Deixa de ser uma situação penosa que leva o sujeito à consciência de sua mortalidade, e passa a ser uma situação da qual possui sentido desvincilhado à morte, voltado ao agora e às expectativas quanto às inúmeras possibilidades de ser a partir dali. Essa ressignificação é possível em qualquer situação que o sujeito possa vivenciar, o sentido da vida é factível a qualquer situação ou realidade, mesmo na mais penosa (FRANKL, 2021).

As vivências do autor no campo de concentração o fizeram analisar e observar que a falta de um sentido para existência humana resultava de igual modo na desesperança e submissão à situação de sofrimento, que levava os prisioneiros para além de sua condição espacial restritiva a serem também encarcerados e restringidos de suas possibilidades de sentido, furtados de sua liberdade e, com isso, deliberavam uma concessão à morte como se já se não houvesse uma saída, condenando-se à morte de sentido para vida que ainda lhes restavam. São tomados pela falta de sentido, sensação de incompletude e que a vida nada mais poderia oferecer a eles (FRANKL, 2021).

Ressalta ainda que as circunstâncias no campo de concentração impulsionam o cativo à perda do domínio, sendo desfeitos, em geral, os mais simples objetivos da vida. O que resta ao prisioneiro para que encontre uma saída, um alívio psíquico perante seu sofrimento é a liberdade humana que o direciona a ir além de suas possibilidades espaciais e temporais (FRANKL, 2021).

O sentido da vida para além da Logoterapia

Além de Frankl, outros autores enfatizam a essencialidade do encontro com o sentido da vida, bem como o definem. No geral, corroboram com a mesma idealização, havendo algumas variações. Para a concepção fenomenológico-existencial o ser humano possui a necessidade de encontrar significado e sentido para a vida (POMPEIA, 2002).

Justamente seria este sentido que lhe proporcionaria a possibilidade de realização.

Para Heidegger, o modo de ser do ser humano é único, indiferente ao modo de ser dos animais, pois pressupõe a condição de sonhador do humano, é instigado pelo que ainda não é, mas em um momento vindouro que pode vir a ser (POMPEIA; SAPIENZA, 2004). São as possibilidades que o movem, esse poder ser, algo que se almeja alcançar, é o sonhar. A necessidade de encontrar um sentido é unicamente humana.

Conforme Pompeia e Sapienza (2004) o ser humano compreende a vida como delicada, contudo possui grande valia, e que é interligada ao significado. A vida se mostra frágil por ser finita e facilmente interrompida. Entretanto denota também vigor, pois está ligada ao significado e a partir dela pode ser encontrado um sentido. Estes autores afirmam que o ser humano precisa encontrar um sentido para a vida, carecendo-se dele para viver ou subsistir. É uma necessidade, uma demanda, é necessário que esse encontro ocorra, para que a partir dele se dê um significado.

É possível que o encontro com o sentido ocorra diante de uma situação de adversidade, como a morte. De acordo com Pompeia e Sapienza (2004), a morte não tem como premissa o futuro pois é factível a qualquer instante. Os autores apontam que o ser humano demanda desse encontro com o sentido. Frente à morte, necessitamos encontrar um sentido para ela, o sentido atribuído à vida tem relação com o que será conferido para a morte, um sentido não apenas da vida, mas também para o morrer (POMPEIA; SAPIENZA, 2004).

A partir do encontro com esse sentido é possível, conforme Pompeia e Sapienza (2004), que o ser humano se aproprie da morte e a partir disso, conceba um sentido. Esse encontro se dá a partir do fato de que o sujeito detém a liberdade de deliberar interiormente frente às situações e a adversidades das quais pode ser exposto. Diante dessa liberdade o ser humano pode vir a encontrar um sentido para sua vida (POMPEIA; SAPIENZA, 2004).

Esse atinar pode ocorrer de maneiras diversas, levando-se em conta que cada ser humano é único, bem como suas produções e elaborações. O encontro com o sentido pode se dar de um modo mais acessível para alguns seres humanos do que outros, que pode parecer até mesmo inalcançável. Há diversas influências acerca deste encontro, desde o sujeito, o momento, o meio em que está inserido e a situação na qual se encontra. Há momentos em que o sentido pode se apresentar com clareza, mostrando-se com certa

evidência (POMPEIA; SAPIENZA, 2004).

De acordo com Angerami (1985), o sentido da vida proporciona ao sujeito um impulso para o encontro com horizontes inimagináveis e inacessíveis à razão. Tais horizontes se apresentam com uma extraordinariedade que é inacessível à imaginação, o sujeito não consegue idealizar esse encontro magnífico.

Conforme Critelli (1996), o sentido pode ser entendido como uma trilha, direção, é o destinar-se do indivíduo. É o caminho do qual ele irá seguir ao encontro da sua realização, rumo ao extraordinário, por conseguinte ao sentido da vida.

Segundo Bauer (2021), a falta desse encontro deixa o ser humano vulnerável a possíveis quedas em dias de angústia, por justamente não ter um objetivo interligado ao sentido da vida. Quando não há mais porque lutar, o corpo enfraquece, tornando a capacidade de resistência às doenças de fato reduzida a zero. É quando o indivíduo se entrega chegando a minar suas forças, pois não há mais o que combater perante as possibilidades existentes diante de si mesmo, conforme sua percepção.

Conforme Fukumitsu (2018), é possível o encontrar a partir da criatividade, pela habilidade de utilizar os pequenos acontecimentos do cotidiano, de desfrutar desses momentos. Pode ser encontrado a partir da cotidianidade, não é necessariamente critério que se vivencie algo extraordinário, como por exemplo uma viagem espacial, pode ser que o encontro com o sentido decorra do mais simples acontecimento corriqueiro.

De acordo com Pompeia (2002), para a Daseinsanalyse, o sentido é a referência para o terapeuta, é a partir do significado que o sujeito atribui a determinada situação que será possível desenvolver uma terapia. O sentido denota importância de tal modo, que é ele quem norteará a terapia, é a partir dele que o terapeuta poderá desenvolver o seu trabalho. Uma das características mais importantes dos seres humanos é o fato deste ser movido pelos significados e sentidos, que podem se mostrar até mais significativos do que a própria sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade a compreensão da essencialidade do sentido da vida para o ser humano através das vivências de Viktor Frankl nos campos de extermínio nazista onde desenvolveu sua teoria terapêutica logoterapia, que tem como pressuposto do noético, vontade de sentido e a busca desentido da existência do sujeito.

O indivíduo detém a liberdade de deliberar interiormente, mesmo em situações nas quais esteja privado de liberdade exterior, sendo o único capaz de atribuir sentido para sua existência. A consciência da mortalidade proporciona o senso de responsabilidade do indivíduo para a execução das tarefas requisitadas pela vida, justamente por não possuir um tempo definido para a vida, tornando-o responsável por vivenciar com sentido a sua existência. As imperfeições e limitações do ser humano não restringem o encontro com o sentido, mas sim efetivam a sua autenticidade, sendo ele o único capaz de realizá-lo.

Justamente o encontro com o sentido da vida levou a Frankl a compreensão do significado do sofrimento experienciado nos campos de concentração, ressaltando que sem este, a sobrevivência a tal não seria válida e a partir deste encontro a busca da redução do sofrimento foi interrompida.

Ante os seus estudos, sua teoria foi propulsora de reconhecimento em diversos países em ambientes acadêmicos, como nas universidades renomadas de Harvard, Stanford, Dallas, e Pittsburgh. Redigiu 30 livros, sendo estes traduzidos em mais de 50 línguas.

REFERÊNCIAS

ABDALA, A. **A morte em Heidegger**. 1 ed. Jundiaí: Paço Editorial, 2017. E-book.

ANGERAMI, V. A. **Psicoterapia Existencial: noções básicas**. 1 ed. São Paulo: Traço Editora, 1985.

AQUINO, T. A. A. **Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2020.

BAUER, J. **Prefácio** in: FRANKL, V. **Sobre o sentido da vida** 1 ed. Petrópolis: Vozes Nobilis, 2022.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 1 ed. São Paulo: EDUC Brasiliense, 1996.

FUKUMITSU, K. O. **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. 1 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2018.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. 53 ed. São Leopoldo: Sidonal, 2021.

FRANKL, V. E. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver**. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, V. E. **Sobre o sentido da vida**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

MACHADO, A. E. S. **O papel de Deus na cura.** 1 ed. São Paulo: Ideias Letras, 2015.

MAY, R. (Org.). **Psicologia existencial.** 4 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

OLIVEIRA, C. C. Para compreender o sofrimento humano. **Revista Bioética**, Brasília, DF v. 24, n. 2, p. 225-234, maio./ago.2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422016242122>. ISSN 1983-8034. Acesso em: 18 Out. 2022.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido:** Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. 1 ed. São Paulo: EDUC; Paulus, 2004.

POMPEIA, J. A.; Psicose e Psicoterapia. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse.** São Paulo, N° 11, p. 52-71, 2002.